

Papa Francisco: “O Serviço Jesuíta aos Refugiados trabalha para oferecer esperança e futuro aos refugiados”

O Papa Francisco concedeu uma audiência privada a um grupo de 15 refugiados, amigos e colaboradores do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) Internacional, para comemorar o arranque da celebração dos 35 anos da organização. No dia do aniversário, a 14 de novembro, o Papa Francisco recebeu a comitiva no Vaticano e fez um discurso onde enfatiza a importância da educação para as crianças refugiadas como meio para a construção da paz e para ajudar na construção de sociedades mais coesas e resilientes e onde destaca a missão do Serviço Jesuíta aos Refugiados ao longo dos últimos anos.

“O *Jesuit Refugee Service* trabalha para oferecer esperança e futuro aos refugiados, antes de tudo mediante o serviço da educação, que abrange um grande número de pessoas e reveste especial importância. Oferecer educação é muito mais do que dispensar noções. É uma intervenção que oferece aos refugiados algo pelo qual ir além da sobrevivência, manter viva a esperança, acreditar no futuro e fazer projetos. Dar às crianças um banco de escola é a melhor prenda que se possa oferecer”, afirmou o Papa Francisco.

Ao longo destes 35 anos, o JRS tem desenvolvido vários projetos educativos e de integração que permitem dotar os refugiados, deslocados à força e imigrantes vulneráveis com as ferramentas necessárias que possam contribuir para a sua autonomia, capacitação e segurança.

“Todos os vossos programas têm esta finalidade última: ajudar os refugiados a crescer na confiança em si mesmos, a realizar o máximo do seu potencial e a pô-los em condições de defender os próprios direitos como indivíduos e como comunidade”, acrescentou o Papa Francisco no discurso.

O JRS foi fundado a 14 de novembro de 1980, quando o Padre Pedro Arrupe, então Superior Geral da Companhia de Jesus, enviou uma carta à Companhia a mobilizar



Serviço Jesuíta aos Refugiados

acompanhar · servir · defender acompanhar · servir · defender acompanhar · servir · defender

a ajuda humanitária e espiritual necessária a milhares de refugiados que se encontravam em fuga da guerra no Vietname (os “boat people”). Trinta e cinco anos depois, a imagem de barcos lotados com pessoas que fogem da guerra, dos atos de terror, de perseguições e da miséria em busca de um local seguro onde possam viver, continua. E é por isto que hoje, tendo em conta a atual crise humanitária a que assistimos, o papel do JRS e a missão que nos foi confiada enfrentam novos e maiores desafios. Estamos atualmente presentes em 50 países no mundo, sob a égide da missão que mantemos até hoje: acompanhar, servir e defender todos os refugiados, deslocados à força e migrantes em situação de particular vulnerabilidade. Em Portugal, o JRS começou a desenvolver a sua missão em 1992.

É, por isso, importante realçar que o JRS não estará, ao longo deste ano, a “celebrar” 35 anos de serviço, porque o sofrimento de milhões de pessoas não é motivo de celebração. Queremos, em vez disso, que este 35º ano de missão sirva para reiterar e reafirmar o nosso compromisso em acompanhar, servir e defender todos aqueles que se viram forçados, por diversos motivos, a deixar para trás o seu país de origem em busca de retomar a normalidade nas suas vidas e encontrar um local seguro para viver. Esta será sempre a missão do JRS, tal como o Padre Pedro Arrupe nos confiou.

Para informações adicionais contactar:

André Costa Jorge

Diretor do Serviço Jesuíta aos Refugiados Portugal

217552790/andre.jorge@jrspportugal.pt

Inês Braizinha

Gabinete de Comunicação

927204175/ines.braizinha@jrspportugal.pt

Discurso do Papa Francisco (na íntegra):

Amados irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas por ocasião do 35º aniversário de fundação do *Jesuit Refugee Service*, querido pelo padre Pedro Arrupe, na época Superior-Geral da Companhia de Jesus. A impressão e a angústia por ele sentidas face às condições dos *boat people* do Vietname do Sul, expostos aos ataques dos piratas e às tempestades no Mar Chinês Meridional, induziram-no a tomar esta iniciativa. O padre Arrupe, que tinha vivido a explosão da bomba atómica em Hiroshima, deu-se conta das dimensões daquele trágico êxodo de refugiados. Nele reconheceu um desafio que os Jesuítas não podiam ignorar, se quisessem permanecer fiéis à sua vocação. Quis que o *Jesuit Refugee Service* fosse ao encontro das necessidades quer humanas quer espirituais dos refugiados, portanto não só das suas imediatas necessidades de alimentação e asilo, mas também das exigências de ver respeitada a sua dignidade ferida, e de ser ouvidos e confortados.

O fenómeno das migrações forçadas hoje aumentou dramaticamente. Multidões de refugiados partem de diversos países do Médio Oriente, da África e da Ásia, procurando refúgio na Europa. O Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas avaliou que existem, em todo o mundo, quase 60 milhões de refugiados, o número mais elevado depois da segunda Guerra Mundial. Por detrás destas estatísticas há pessoas, cada uma com um nome, um rosto, uma história, e a sua inalienável dignidade de filhos de Deus.

Vós trabalhais actualmente em dez regiões diversas, com projectos em 45 países, acompanhando refugiados e populações nas migrações internas. Um bom grupo de Jesuítas e de religiosas trabalham juntamente com tantos colaboradores leigos e com muitíssimos refugiados. Com o tempo, permanestes sempre fiéis ao ideal do padre Arrupe e aos três pontos fundamentais da vossa missão: acompanhar, servir, defender os direitos dos refugiados.

A escolha de estar presentes nos lugares onde há mais necessidades, em zonas de conflito e de pós-conflito, tornou-vos internacionalmente conhecidos por estardes próximos das pessoas, capazes de aprender delas como servir melhor. Penso sobretudo nos vossos grupos na Síria, no Afeganistão, na República Centro-Africana e na zona oriental da República Democrática do Congo, onde são acolhidas pessoas de diversas crenças que partilham a vossa missão.

O *Jesuit Refugee Service* trabalha para oferecer esperança e futuro aos refugiados, antes de tudo mediante o serviço da educação, que abrange um grande número de pessoas e reveste especial importância. Oferecer educação é muito mais do que dispensar noções. É uma intervenção que oferece aos refugiados algo pelo qual ir além da sobrevivência, manter viva a esperança, acreditar no futuro e fazer projetos. Dar às crianças um banco de escola é a melhor prenda que se possa oferecer. Todos os vossos programas têm esta finalidade última: ajudar os refugiados a crescer na

confiança em si mesmos, a realizar o máximo do seu potencial e a pô-los em condições de defender os próprios direitos como indivíduos e como comunidade.

Para as crianças obrigadas a emigrar, as escolas são espaços de liberdade. Na classe, são apoiadas pelos professores e protegidas. Infelizmente, sabemos que nem sequer as escolas são poupadas pelos ataques de quem semeia a violência. Ao contrário as salas de aula são lugares de partilha, também com crianças de culturas, etnias e religiões diferentes, onde se segue um ritmo regular, uma ordem agradável, na qual as crianças podem sentir-se de novo «normais», e os pais felizes por saber que elas estão na escola.

A instrução oferece aos pequeninos um caminho para descobrir a sua vocação autêntica, desenvolvendo as suas capacidades. Todavia, demasiadas crianças e jovens refugiados não recebem uma educação de qualidade. O acesso à educação é limitado, sobretudo às jovens e à escola secundária. Por isso, durante o próximo Jubileu da Misericórdia, estabelecestes o objectivo de ajudar outros 100.000 jovens refugiados a frequentar a escola. A vossa iniciativa de «Educação Global», com o mote «Ponhamos em acção a Misericórdia», far-vos-á alcançar muitos outros estudantes, que têm urgente necessidade de uma educação que os ponha ao abrigo dos perigos. Por isso, estou grato ao grupo de voluntários e benfeitores e ao grupo internacional de desenvolvimento do *Jesuit Refugee Service*, que hoje se uniram a nós. Graças à sua energia e ao seu apoio, a misericórdia do Senhor alcançará muitas crianças e famílias nos próximos anos.

Enquanto prosseguis a obra de educação dos refugiados, pensai na Sagrada Família, Nossa Senhora, são José e o Menino Jesus, que fugiram do Egipto para sobreviver à violência e procurar refúgio junto de estrangeiros; e recordai-vos das palavras de Jesus: «Bem-aventurados os misericordiosos, porque encontrarão misericórdia» (Mt 5, 7). Levai sempre dentro de vós estas palavras, que vos sirvam de estímulo e conforto. Por meu lado, garanto-vos a minha oração. E também vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

E não posso terminar este encontro, estas palavras, sem vos apresentar um ícone: aquele «canto do cisne» do padre Arrupe, precisamente num centro de refugiados. Pedia-nos para rezar, para não abandonar a oração. E precisamente ele com este conselho e com a sua presença ali, naquele centro para refugiados na Ásia, não sabia que naquele momento se despedia: foram as suas últimas palavras, o seu último gesto. Foi precisamente a derradeira herança que deixou à Companhia. Depois de ter chegado a Roma, foi atingido pelo icto que o fez sofrer por três anos. Que este ícone vos acompanhe: o ícone de uma óptima pessoa, que não só criou este serviço, mas alguém a quem o Senhor concedeu a alegria de se despedir falando num centro para refugiados.

O Senhor vos abençoe.